

Crítica e tradução, de Ana Cristina Cesar

Página |
155

Íris Fernanda Ladislau Rosa⁴⁸

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Rafael Fava Belúzio⁴⁹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

CESAR, A. C. *Crítica e tradução*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. 531 p.

Ana Cristina Cesar tem sua obra lírica reunida pela Companhia das Letras, em 2013, no volume *Poética*; é homenageada pela Flip, em 2016 e, no mesmo ano, sua produção de ensaísta é focalizada pelo volume *Crítica e tradução*: uma brochura com pouco mais de 500 páginas e uma capa que apresenta uma Ana C. sorridente, em tons de amarelo e rosa, lembrando ligeiramente o movimento *Vaporwave*. O livro é dividido nas seções “*Literatura não é documento*”, “*Escritos no Rio*”, “*Escritos na Inglaterra*” e “*Alguma poesia traduzida*”, além de trazer prefácio de Alice Sant’Anna e cronologia organizada por Waldo Cesar. Em *Crítica e tradução*, Ana Cristina Cesar fala sobre questões políticas e culturais, sobre poesia/literatura feminina, sobre suas influências e mais tantos outros assuntos, que são tratados através da escrita envolvente já conhecida. Lendo o livro, há uma sensação constante: a de ver os bastidores de algo, pois volta e meia é encenada a tensão entre realidade inventada & ficção real – traço também frequente na obra lírica da escritora. Ler Ana C. opinando sobre questões estéticas importantes, resenhando livros, falando sobre seu próprio trabalho de tradutora, tudo isso enquanto as luvas de pelica da autora deslizam sorrateiramente para trás das cortinas do palco, tensionando vida e literatura.

⁴⁸ Graduanda em Letras (Bacharelado em Edição), com formação complementar em Teatro, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e estagiária no setor de Revisão da Editora UFMG.

⁴⁹ Graduação em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (2007), mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009) e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2019). Atualmente, é professor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da UFMG.

Deslizando, em nossa breve leitura, ao longo das obras reunidas em Crítica e tradução, a primeira parada é em “Literatura não é documento”. O texto corresponde a uma dissertação de mestrado, realizada na UFRJ, e voltando a atenção para documentários nacionais que tratam de obras ou escritores brasileiros. O tom é consideravelmente político, marcado pelos anos de chumbo, e, nesse particular, se destaca também pela importância da pesquisa enquanto documento que relata um período histórico, reunindo um apanhado de informações concernentes ao contexto social da Ditadura Militar. Quanto à tópica da tensão entre realidade & ficção, A. C. Cesar afirma que

Esse “objeto” [da pesquisa] não são propriamente os filmes a que andei assistindo, mas sim os conceitos ou representações do literário que esses filmes, explícita ou implicitamente, acabam utilizando. Que definição de literatura, que visão do autor literário são postas em circulação por esses filmes? (CESAR, 2016, p. 21).

Para aqueles acostumados à *Poética* de Ana C., há um tom familiar: realidade inventada & ficção real. Interessante notar como a carioca almeja observar o mundo através da realidade criada nos documentários, sinalizando o poder manipulador dos diretores, os quais desenvolvem efeitos de realidade, permitindo que o espectador acredite na veracidade e objetividade do que lhe é mostrado, como se o documentário fosse, por natureza, inquestionável. A autora discute, em sua pesquisa, o valor do documentário enquanto suposta chancela da realidade e apresenta os recursos através dos quais o texto fílmico manipula a imagem do autor. Ana C., por assim dizer, filma o que está por trás das câmeras e mostra os bastidores, apresentando o mundo sendo inventado e *como* ele é inventado. De acordo com a ensaísta, tensionando as fronteiras entre literatura e cinema: “A literatura é sobretudo uma estetização do real” (CESAR, 2016, p. 63). No desenvolver de “Literatura não é documento”, Ana Cristina Cesar, por um lado, critica o documentário que pretende eliminar seu próprio narrador para se passar como retrato objetivo da realidade; por outro, elogia aqueles que fazem uso de seu poder para *inventar* algo em cima do que é real e o fazem para fins políticos. No final, há ainda sete depoimentos de autores de documentários falando sobre os seus trabalhos, além da reprodução de dois roteiros na íntegra – Ana Cristina nos proporciona mais uma olhada nos bastidores da realidade inventada.

Em seguida, a seção “*Escritos no Rio*” apresenta textos que a escritora publica em algumas revistas: ensaios, resenhas, análises, palestras, trabalhos acadêmicos. Logo de início, um ensaio sobre *Os Lusíadas*, analisando a epopeia portuguesa a partir da oposição entre o plano irreal e a verdade histórica. Assim como o documentário sufocava a verdade, aqui a

verdade é sufocada pela letra. Ana C. analisa a oposição entre histórico e mítico: “Criam-se duas ordens de acontecimentos – os acontecimentos ditos históricos e os ditos mitológicos – e é na relação entre os dois que se faz a epopeia da literatura” (CESAR, 2016, p. 165). Ana Cristina esmiúça maneiras de o plano histórico e o mitológico construírem a epopeia, discursando sobre o real aprisionado no texto. Mais para frente, ainda em “Escritos no Rio”, consta uma resenha dedicada ao romance *Armadilha para Lamartine* (acrescida por uma entrevista com o autor, Carlos Sussekind) e aqui é interessante ver a escritora inverter a análise que faz em sua dissertação de mestrado “*Literatura não é documento*”: nesta última, ela explora os recursos literários usados no cinema; na resenha do livro, analisa os recursos cinematográficos explorados na literatura e ainda fala de uma “Cinematografização do texto literário” (CESAR, 2016, p. 203), apontando como o livro é construído através da montagem, recurso usual do cinema. *Armadilha para Lamartine*, por sua vez, traz, de um lado, relatos do próprio autor escritos em um estado de crise psicótica; do outro, há os diários de seu pai, que foram escritos ao longo de trinta anos. Mas os diários, ao contrário do esperado, não são absolutamente reais, posto que o próprio autor confessa, em sua entrevista, ter alterado o conteúdo, vez por outra: “Quem lê acha que a coautoria é igual à divisão: a primeira parte seria minha e a segunda parte, dele [do pai]. Não é verdade. A segunda parte é bastante trabalhada, bastante inventada” (SUSSEKIND, apud CESAR, 2016, p. 194). Ou seja, novamente é desenvolvido um caso de realidade ficcionalizada: o diário, recurso também usado na poesia de Ana C. e que talvez fosse imaginado como um atestado da verdade, é adulterado.

Ainda entre os textos inseridos em “Escritos do Rio”, muitas vezes é retornada a tópica da realidade fingida, como em “O poeta é um fingidor”, resenha feita por Ana C. sobre as *Cartas de Álvares de Azevedo*. É expressivo como a poeta novecentista fala sobre a realidade das cartas do oitocentista, posto que a escritora é conhecida por sua produção falsamente epistolar, vista, por exemplo, em *Correspondência completa*. Ana Cristina Cesar, nesse sentido, dá sugestões que ajudam a pensar suas escolhas estéticas: “A limpidez da sinceridade nos engana, como engana a superfície tranquila do eu” (CESAR, 2016, p. 231). Sobre Álvares de Azevedo, ela aponta como que as cartas provocam questionamentos acerca do ultrarromântico ser, no mundo real, um tanto diverso do que pode parecer ser em sua literatura. Se ele supostamente se pretendia um boêmio, farrista, suas correspondências apresentam, binomicamente, um “Virgem e temeroso de mulher” (CESAR, 2016, p. 231).

“Escritos na Inglaterra”, a seu turno, contém estudos e reflexões reunidos na tentativa de concretizar o curso “Poesia Moderna Traduzida”, que seria ministrado por Ana C., mas que nunca chegou a se realizar. Cabe destacar o que está logo no começo: a tradução do conto “Bliss”, de Katherine Mansfield, trabalho que rendeu à Ana Cristina o título Master of Arts, *with distinction*. Antes de adentrar o conto em si, são apresentados dois textos introdutórios mostrando um pouco dos bastidores dessa tradução e explicitando o caráter das 80 notas explicativas ali presentes. Ana C. afirma que no rodapé está a verdadeira substância do estudo e, ao ler esses comentários adicionais, é possível enxergar a trilha dos pensamentos da tradutora: “as oitenta notas [...] foram desvendando gradualmente a forma como o processo de tradução estava se efetuando” (CESAR, 2016, p. 327). As anotações, a propósito, acabam sendo maior que a própria tradução: os bastidores se tornaram maiores que o palco, ou talvez sejam eles mesmos o local da verdadeira ficção. Desenvolvem frestas da intimidade da ACC que toca em temas como a fusão de ficção e autobiografia na obra de KM. Antes ainda de chegar ao resultado do trabalho tradutório, o leitor pode ler o conto original “Bliss”, em inglês, ajudando a dimensionar as escolhas da tradutora, contrastando a nova versão e o original. E quando encerrada a seção que trata de “Bliss”, os “Escritos na Inglaterra” trazem mais alguns ensaios da poeta brasileira, a exemplo do estudo “O ritmo e a tradução da prosa”.

Na última parte do livro *Crítica e tradução*, o público se depara com o outro tema importante no universo de Ana C.: branco da página, elemento frequente nos livros reunidos em *Poética*. Em “*Alguma poesia traduzida*”, constam vazios & poemas que a autora traduziu de poetas como Sylvia Plath, Emily Dickinson, Mariane Moore e William Carlos Williams, sendo todas as traduções acompanhadas de seus respectivos originais. Após tantas páginas refletindo sobre como a escritora trabalhava suas traduções; depois de haver, inclusive, suas críticas – positivas e negativas – sobre traduções de terceiros e ainda muito exercício de autocrítica, é interessante observar um pouco mais a realização do seu trabalho: dar mais uma flagrada por detrás das cortinas e conferir o resultado de alguns versos transpostos para outro idioma.

Em *O Apanhador no Campo de Centeio*, a personagem Holden diz que há escritores que te fazem querer ligar para eles e bater um papo, logo que terminamos seus livros. Caberia dizer que é essa a sensação ao terminar *Crítica e tradução*. Ler os trabalhos acadêmicos de Ana C. fornece um *background* (se é que também se pode pegar palavras emprestadas do inglês) muito rico para ler sua poesia. Para quem admira a Ana poeta, é quase indispensável conhecer a Ana acadêmica, a Ana tradutora, pois dessa maneira se entra mais em contato com

a construção e relevância de sua obra. No entanto, após observar o percurso sobre estratégias de edição e montagem de obras, caminhos trilhados pela própria Ana Cristina Cesar, talvez caiba perguntar: quem é o autor de *Crítica e tradução*? Ana C. e/ou os organizadores do volume?

Referências bibliográficas

CESAR, A. C. *Crítica e tradução*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. 531 p.

CESAR, A. C. *Poética*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013. 503 p.

SALINGER, J. D. *O Apanhador no campo de centeio*. Tradução de Antônio Rocha. 18ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora do Autor, 2012. 208 p.

Recebido em: 15/07/2019

Aprovado em: 08/04/2020